
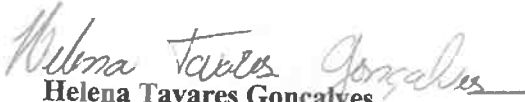


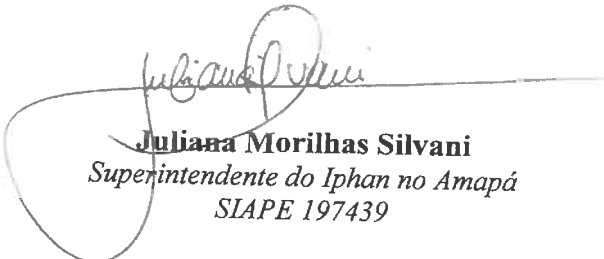
MINISTÉRIO DA CULTURA		
	IPHAN	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
	Nota Técnica nº 16	Data:
	DIVTEC/IPHAN/AP	19/08/2015

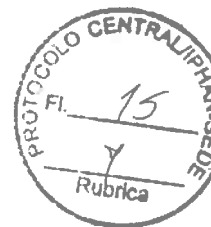
envolver os pesquisadores locais que já realizam estudos sobre esse universo sociocultural.

É a nota.


Helena Tavares Gonçalves
Chefe de Divisão Técnica do Iphan no Amapá
SIAPE 2082113

De acordo,
Em 21 / 08 / 2015


Juliana Morilhas Silvani
Superintendente do Iphan no Amapá
SIAPE 197439



**Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Superintendência do IPHAN no Amapá**

**Relatório das atividades de articulação e mobilização de detentores do Marabaixo
(2014-2016)**

(Processo: 01424.000253/2013-98)

**Macapá
Junho de 2016**



SUMÁRIO

1.	Introdução	03
2.	Formação e atividades do Comitê Gestor do Marabaixo	06
3.	Histórico das mobilizações	11
3.1.	Dinâmica utilizada nas mobilizações	13
3.2.	Síntese das mobilizações realizadas no período de 2014 a 2016.	15
3.2.1.	Associação Cultural Raimundo Ladislau (área urbana de Macapá/ bairro Laguinho)	15
3.2.2.	Associação Cultural Marabaixo do Pavão (área urbana de Macapá/ bairro Laguinho).	17
3.2.3	Associação Cultural Raízes da Favela (área urbana de Macapá/ bairro Favela).	19
3.2.4.	Associação Cultural Berço do Marabaixo (área urbana de Macapá/ bairro Favela)	21
3.2.5.	Associação Cultural Marabaixo do Laguinho.	24
3.2.6.	Grupo Raízes do Bolão do Quilombo do Curiaú	26
3.2.7.	Comunidade Ilha Redonda	27
3.2.8.	Comunidade Campina Grande	29
3.2.9	Grupo Folclórico Herdeiros do Marabaixo	31
3.2.10.	Grupo União dos Devotos de Nossa Senhora da Conceição de Igarapé do Lago	33
3.2.11.	Comunidade do Carvão	35
3.2.12.	Mazagão Novo	37
4.	Considerações preliminares para a elaboração de um Plano de Salvaguarda do Marabaixo	39



1. Introdução

Os trabalhos de pesquisa bibliográfica e de campo para a composição do Inventário das Referências Culturais do Marabaixo aconteceram entre os meses de fevereiro a agosto de 2013, conforme descrição presente no Dossiê apresentado à Superintendência do IPHAN no Amapá (Dossiê do Marabaixo. 2013. p. 06 a 19).

Durante as atividades desenvolvidos na ocasião do INRC foram inventariadas quatorze (14) comunidades e grupos praticantes do Marabaixo: cinco (05) na área urbana de Macapá, seis (06) na área rural de Macapá, dois (02) na área rural do município de Mazagão e um (01) na área urbana de Mazagão. Além disso, o INRC apontou a recorrência da manifestação em outros vinte e sete (27) lugares, conforme quadros abaixo:

Quadro I: Comunidades e grupos de Marabaixo inventariados.

Comunidades/Grupos	Município/bairro
Associação Raimundo Ladislau	Macapá (bairro do Laguinho)
Associação Pavão	Macapá (bairro do Laguinho)
Associação Berço do Marabaixo	Macapá (bairro da Favela)
Associação Raízes do Marabaixo	Macapá (bairro da Favela)
Associação Zeca e Bibi Costa	Macapá (bairro da Favela)
Curiaú	Macapá (área rural)
Abacate da Pedreira	Macapá (área rural)
Campina Grande	Macapá (área rural)
Ilha Redonda	Macapá (área rural)
Ressaca da Pedreira	Macapá (área rural)
Torrão do Matapi	Macapá (área rural)
Carvão	Mazagão (área rural)
Mazagão Velho	Mazagão (área rural)
Mazagão Novo	Mazagão

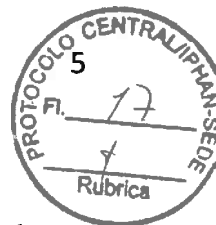
Fonte: INRC do Marabaixo, 2013.

Quadro II: Outros lugares de ocorrência do Marabaixo apontados no INRC.

Comunidades	Municípios
Alto do Piratiba	Santana
Ambé	Macapá
Areal do Matapi	Macapá (área rural)
Carmo do Maruanu	Macapá (área rural)
Casa Grande	Macapá (área rural)
Cinco Chagas do Matapi	Santana
Conceição do Macacoari	Macapá (área rural)
Conceição do Maruanum	Macapá (área rural)
Coração	Macapá (área rural)
Fátima do Maruanum	Macapá (área rural)
Joaquim do Maracá	Mazagão
Lagoa de fora	Macapá (área rural)
Lagoa dos Índios	Macapá (área rural)
Maruanum	Macapá (área rural)
Nossa Senhora do desterro	Macapá (área rural)
Nossa Senhora da Conceição do Maruanum	Macapá (área rural)
Rosa	Macapá (área rural)
Santa Luzia do Maruanum	Macapá (área rural)
Santo Antônio do Matapi	Macapá (área rural)
São Francisco do Matapi	Santana
São João do Matapi	Santana
São José do Matapi (Porto do Céu)	Santana
São José do Mata Fome	Macapá (área rural)
São Miguel do Maracá	Mazagão
São Raimundo do Maruanum	Macapá (área rural)
São Raimundo do Pirativa	Macapá (área rural)
São Tiago do Matapi	Macapá (área rural)

Fonte: Fonte: INRC do Marabaixo, 2013.

No decorrer das mobilizações observamos a existência de mais de um grupo por comunidade inventariada, por exemplo, na comunidade de Campina Grande, onde nos foi relatado sobre a existência de dois (02) grupo de Marabaixo; em Mazagão Novo, onde também na ocasião das mobilizações os detentores apontaram a existência de outros quatro (04) grupos de Marabaixo; em Igarapé do Lago, onde identificamos e mobilizamos o grupo União dos devotos de Nossa Senhora da Conceição-UDNSC, em



que os próprios integrantes apontaram a existência de outro grupo praticante de Marabaixo no local, e na zona norte de Macapá, onde identificamos e mobilizamos o grupo Herdeiros do Marabaixo.

Realizamos um total de doze (12) mobilizações: nove (09) grupos inventariados e três (03) grupos que emergiram durante o processo de mobilização, conforme quadro abaixo. O que significa dizer que chegou-se próximo ao número do total inventariado, quatorze (14) grupos e comunidades praticantes do bem. Ressalta-se a necessidade de se identificar e mobilizar aqueles apontados no quadro II e outros que posteriormente deverão emergir por ocasião da continuidade dos trabalhos no escopo do Plano de Salvaguarda do Marabaixo.

Quadro III: Grupos/Comunidades mobilizadas entre 2014 e 2016.

Grupos/Comunidades	Município	Situação
Associação Raimundo Ladislau	Macapá (Laguinho)	Inventariado
Associação Marabaixo do Pavão	Macapá (Laguinho)	Inventariado
Associação Berço do Marabaixo	Macapá (Favela)	Inventariado
Associação Raízes do Favela.	Macapá (Favela)	Inventariado
Associação Cultural Marabaixo do Laguinho	Macapá (Laguinho)	Emergente
Quilombo do Curiaú (Grupo Raízes do Bolão)	Macapá (área rural)	Inventariado
Quilombo de Ilha Redonda	Macapá (área rural)	Inventariado
Campina Grande (União Folclórica de Campina Grande)	Macapá (área rural)	Inventariado
Grupo Folclórico Herdeiros do Marabaixo	Macapá (zona norte)	Emergente
Igarapé do Lago (UDNSC)	Santana	Emergente
Carvão (Associação Cultural São Tomé)	Mazagão	Inventariado
Mazagão Novo (Grupo Irmandade de São benedito)	Mazagão	Inventariado

As comunidades e grupos inventariados Associação Zeca e Bibi Costa, Abacate da Pedreira, Mazagão Velho e Torrão do Matapi foram articuladas, porém não se conseguiu realizar as mobilizações em cada uma delas por motivos específicos a cada um. Em Abacate da Pedreira, a liderança desmarcou a reunião ficando de nos contatar para uma nova data, o que não ocorreu. Em Mazagão Velho, a reunião

não congregou as pessoas mais importantes do local, observação feita pelos próprios mazaganenses que diante da situação disseram não se sentirem à vontade para participar de qualquer atividade sem a presença daquelas pessoas. No caso de Torrão do Matapi, articulamos e fizemos uma pré agenda de mobilização desmarcada pela própria liderança que ficou de nos procurar para remarcar nova data, o que também não aconteceu.

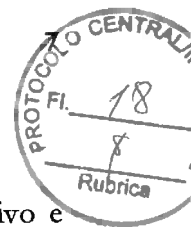
Referente à Associação Zeca e Bibi Costa, a sua presidente dona Irene sempre se fez presente nas reuniões desde a primeira realizada na Superintendência e naquelas do comitê gestor. Ocorre que das vezes que marcamos mobilizações em seu grupo jamais conseguimos efetivá-las por razões pessoais envolvendo doenças a até óbito de familiares de dona Irene. Considerando a integração da presidente da associação ao comitê gestor, bem como a formação de um vínculo de confiança entre o IPHAN e as lideranças, entendemos que existe uma articulação bem estruturada com a associação em questão faltando o encaminhamento para a realização da mobilização em si, o que depende do estado de saúde de dona Irene e de alguns membros de sua família.

Em outras quatro comunidades conseguimos realizar uma articulação prévia são elas: Ambé, Lagoa dos Índios, Joaquim do Maracá, todas apontadas como lugares de ocorrência no INRC; além da comunidade do Goiabal, que embora não esteja listada no INRC apresentou-se a nós durante o processo de mobilização.

2. Formação e atividades do Comitê Gestor do Marabaixo

A formação do comitê gestor do Marabaixo decorreu de cada mobilização realizada nos grupos e comunidades de detentores, nessas ocasiões explicava-se o significado do comitê, funções e sua importância para o desenvolvimento de diálogos com atores sociais ligados ao campo da gestão cultural no estado. Para sua composição, os integrantes de cada grupo e comunidade mobilizados indicavam dois representantes (titular e suplente) que em geral eram lideranças dos grupos.

Notou-se certa apreensão das pessoas quanto ao papel a desempenhar no interior do comitê, o que começou a solver-se durante as reuniões específicas, geralmente ocorridas na sede do IPHAN, local “isento” e aglutinador das diferentes referências que marcam os grupos de Marabaixo. As primeiras



reuniões pautaram-se na discussão acerca das características do coletivo: propositivo, participativo e deliberativo; além de seus objetivos principais: 1) articulação com as demais comunidades inventariadas e apontadas como locais de ocorrência do bem, 2) proposição de estratégias de preservação do Marabaixo e 3) elaboração e acompanhamento das ações do Plano de Salvaguarda do Marabaixo.

As reuniões do comitê foram elaboradas tendo em vista a necessidade de se investir em seus membros o capital de conhecimentos referentes ao universo das políticas culturais em especial da preservação de bens culturais imateriais, assim, alimentando a instância formativa da representação. Neste sentido os temas abordados nas mobilizações ocorridas anteriormente em cada grupo eram aprofundados nas reuniões do comitê, por exemplo, os aspectos relevantes ao Programa Nacional do Patrimônio Imaterial: Identificação, Registro e Salvaguarda; a importância do Comitê Gestor para o planejamento e a gestão do Marabaixo; as perspectivas decorrentes do Registro, construção do Plano de Salvaguarda conforme as diretrizes de promoção, apoio, divulgação, fomento e transmissão de saberes.

A elaboração do pedido de Registro do Marabaixo foi uma das principais atividades do comitê gestor. Desenvolvida por meio de oficina dividida em quatro módulos em que no primeiro, apresentou-se o Decreto nº 3551/2000 e discutiu-se os conceitos inerentes ao reconhecimento de bens culturais imateriais como: continuidade histórica, relevância nacional, formas de transmissão do bem cultural e referência cultural.

Para a construção da escrita do pedido, em colaboração com o estagiário Diego Souza, marabaixeiro e quilombola do Curiaú, Helena Tavares, que esteve à frente das mobilizações até agosto de 2015, elaborou uma metodologia que consistia no lançamento ao comitê gestor de algumas perguntas fundantes sobre o Marabaixo. Cada membro ficou responsável em responder uma questão e levá-la nos próximos módulos da oficina. Seguem abaixo as perguntas:

- 1- **Por que é importante Registrar o Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil?**
- 2- **O que é Marabaixo (falar da dança, do toque das caixas e dos lamentos dos Ladrões)?**
- 3- **Qual a história do Marabaixo?**
- 4- **Para quem ou para que ou quando o Marabaixo é tocado/dançado?**
- 5- **Falar do Ciclo do Marabaixo e também como ele acontece no interior do Estado.**
- 6- **Como a história do Marabaixo se relaciona com a história do Brasil?**
- 7- **Quando/ como surgiu o Marabaixo?**
- 8- **Quais as dificuldades enfrentadas hoje para a prática do Marabaixo?**

O conjunto das respostas apresentadas fundamentou a construção do texto final do pedido de Registro do Marabaixo que apresenta-se como forma de carta com o título: **Marabaixo. História e elementos formadores do povo amapaense**, devidamente anexada aos documentos necessários ao requerimento de pedido de Registro.

Outras atividades também formaram a agenda do comitê gestor do Marabaixo, tal como descritas abaixo:

- 1) **Planejamento das mobilizações nas comunidades inventariadas de Macapá e Mazagão tendo em vista a apresentação do PNPI bem como a proposição de anuência para o pedido de Registro da manifestação.** Ficou decidido nas reuniões do comitê que o procedimento ao pedido de Registro seria realizado ao fim das mobilizações das comunidades inventariadas sendo as demais apontadas no INRC incluídas no processo de salvaguarda juntamente com as outras que provavelmente emergiram durante o processo de identificação e mobilização.
- 2) **Oficina de elaboração de projetos visando concorrer ao Edital Cultura de Redes do ministério da Cultura.** Realizada em agosto de 2015, a oficina contou com a participação de uma produtora cultural do Amapá, que apresentou e discutiu as diretrizes do edital em questão aos membros do comitê. Houve a inscrição de dois projetos: 1) Ciclo do Marabaixo e 2) Curiaú, ficando o último em posição muito próxima da classificação;
- 3) **Minicurso Patrimônio Cultural e Educação.** Ocorrido em abril de 2016, dividido em três etapas, o minicurso foi elaborado com apoio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Amapá-NEAB/UNIFAP, com o objetivo de apresentar os principais aspectos da preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro: marcos regulatórios, noção de patrimônio cultural, instrumentos de preservação (Tombamento e Registro), tendo os membros do comitê gestor participado como atores auxiliares durante a dinâmica de construção do Inventário Pedagógico efetuada em sala com os estudantes do curso de pedagogia da UNIFAP. Aos participantes foram entregues certificados assinados pelo IPHAN e NEAB/UNIFAP.

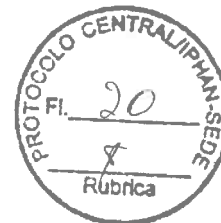
Conjunto de imagens I: Atividades realizadas com o Comitê Gestor do Marabaixo. (Acervo IPHAN-AP)



Atualmente, o comitê gestor está composto por vinte e três membros sendo 13 titulares e 10 suplentes, a divergência numérica ocorre em razão de que algumas associações somente apresentaram participantes titulares. Abaixo, a relação das associações/comunidades mobilizadas, localização e seus respectivos membros do comitê gestor.

Quadro IV: Grupos/Comunidades e seus respectivos membros do Comitê Gestor do Marabaixo.

Grupos/Comunidades	Município	Representantes para compor comitê gestor
Associação Raimundo Ladislau	Macapá (Laguinho)	1-Joaquim Ramos da Silva. 2-Laura Cristina da Silva
Associação Marabaixo do Pavão	Macapá (Laguinho)	1-Mônica do Socorro Ramos
Associação Berço do Marabaixo	Macapá (Favela)	1-Valdinete Silva Costa 2-Miraelson Silva Costa
Associação Raízes do Favela.	Macapá (Favela)	1-Elísia Congó 2-Alexandre Conrado
Associação Zeca e Bibi Costa	Macapá (Favela)	1-Irene Pereira Santos
Associação Cultural Marabaixo do Laguinho	Macapá (Laguinho)	1-Daniela Ramos 2-Ozelina Tavares
Quilombo do Curiaú (Grupo Raízes do Bolão)	Macapá (área rural)	1-Esmeraldina dos Santos 2-Adelson Socorro Santos
Quilombo de Ilha Redonda	Macapá (área rural)	1-Marlúcio Cabral 2-Camila
Campina Grande (União Folclórica de Campina Grande)	Macapá (área rural)	1-Solange Costa
Grupo Folclórico Herdeiros do Marabaixo	Macapá (zona norte)	1-Delcilene Carmo 2-Lucenildo de Souza
UDNSC/Igarapé do Lago	Santana	1-Danielly Paes 2-Valma Paes
Carvão (Associação Cultural São Tomé)	Mazagão	1-Coló 2-Mariane
Mazagão Novo (Grupo Irmandade de São benedito)	Mazagão	1-Anderson 2-Marlon



3. Histórico das Mobilizações

Diante dos resultados apresentados, em agosto de 2013 a equipe de pesquisa contratada para realização do INRC em parceria com a Superintendência do IPHAN no Amapá organizou o Encontro de Salvaguarda do Marabaixo com intuito de apresentar os resultados preliminares das atividades desenvolvidas junto aos detentores do bem cultural nas cidades de Macapá (área urbana e rural) e Mazagão. Pretendia-se ouvir os detentores a fim de captar suas impressões acerca das fragilidades e potencialidades relacionadas ao Marabaixo no intuito de iniciar o debate sobre o Registro e Plano de Salvaguarda do bem. Ocorre que a reunião não contou com o número de participantes necessários para que se realizasse ampla discussão apontando então a conveniência de nova mobilização.

Atentando à dificuldade identificada na reunião anterior e tendo em vista a necessidade de contatar parceiros que apresentassem capilaridade nos grupos e comunidades, a Superintendência realizou encontro com gestores culturais dos organismos estaduais e municipais a fim de discutir parcerias para o processo de mobilização. Porém, no processo de articulação identificou-se a inserção pouco efetiva desses organismos de cultura em grupos e comunidades marabaixeiros, gerando para a Superintendência o ônus de todo o processo de articulação. Nesse sentido, promoveu-se o contato direto com os detentores de Macapá convocando-os para reunião ocorrida nas dependências do IPHAN em dezembro de 2013, com objetivo de elaborar agenda de mobilizações inicialmente nas sedes de seus respectivos grupos.

Conjunto de imagens II: Reunião ocorrida em dezembro de 2013 na sede do IPHAN-AP. Fotos: Karina Nymara (Acervo IPHAN-AP).



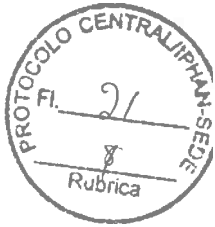


Desta reunião, encaminhou-se que as mobilizações deveriam acontecer por etapas: 1) mobilização junto aos grupos inventariados, iniciando pela área urbana de Macapá até se chegar às comunidades rurais de Macapá e de Mazagão e 2) mobilização aos demais lugares de ocorrência da manifestação apontados no inventário.

Conforme consolidado na reunião acima, decorreram as primeiras atividades de mobilização junto aos seguintes grupos: Associação Raimundo Ladislau, Associação Marabaixo do Pavão, Associação Berço do Marabaixo, Associação Raízes do Favela, Associação Marabaixo do Lagunho (dissidente da Associação Raimundo Ladislau) todos localizados na área urbana de Macapá, além do grupo Raízes do Bolão do Quilombo do Curiaú.

Ao término da fase de mobilização dos grupos da área urbana de Macapá e do Quilombo do Curiaú, partiu-se para o planejamento da estratégia de articulação das comunidades rurais inventariadas: Abacate da Pedreira, Torrão do Matapí, Mazagão Velho, Ressaca da Pedreira, Ilha Redonda, Campina Grande, Mazagão Novo e Carvão.

Conforme exposto acima, embora as articulações tenham acontecido em todas as comunidades as mobilizações em algumas delas não se efetivou por razões diversas também já apontadas. No entanto outros grupos foram emergindo no decorrer do processo de mobilização passando a compor nossas agendas de mobilizações, conforme também já apresentado no quadro III.



3.1. Dinâmica utilizada nas mobilizações

Para abordagem dos temas afeitos à política do patrimônio imaterial utilizamos prevalentemente a dinâmica das rodas de conversa, com projeção ou não de lâminas dependendo do local da atividade, tendo em vista que boa parte das mobilizações ocorreram nos salões das associações que são espaços amplos e abertos.

Dentre os materiais utilizados estavam projetor, notebook, filmadora, máquina fotográfica; materiais para consulta como publicações do IPHAN sobre bens registrados e o Dossiê do Marabaixo; além de outras impressões para distribuição tais como a cartilha Patrimônio Cultural Imaterial: Para Saber Mais; e panfletos oriundos de trabalhos realizados pelo IPHAN no Amapá (Amapá Mapeamento Documental das Referências Culturais e Marabaixo do Amapá).

Conjunto de imagens III: Materiais e dinâmica de roda de conversa utilizadas durante as mobilizações (Acervo IPHAN-AP).





A pauta dos encontros seguiu basicamente o seguinte roteiro:

- Rodada de apresentações;
- O que é o IPHAN;
- O INRC do Marabaixo;
- Aspectos do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial;
- O que é e qual a função de um coletivo gestor. (posteriormente denominado Comitê Gestor do Marabaixo);
- A importância do Marabaixo na vida dos grupos detentores;
- Sobre o Registro do Marabaixo;
- Ações de valorização do Marabaixo já realizadas pelos grupos;
- Principais dificuldades na manutenção da prática cultural do Marabaixo.

Como encaminhamentos, no geral retiravam-se:

- Manifestação de interesse do grupo ao Registro do Marabaixo;
- Indicação pelos detentores de dois representantes para a composição do comitê gestor do Marabaixo;
- Distribuição de impressões.

Igualmente, as atividades de mobilizações têm o objetivo de tornar familiar aos praticantes os conceitos e instrumentos do universo da preservação do patrimônio cultural imaterial no Brasil, incentivar

a elaboração de estratégias de preservação de médio e longo prazo do bem cultural considerando elementos constitutivos históricos e suas transformações ao longo do tempo, além de fomentar a gestão compartilhada dos bens culturais por meio da criação de coletivo gestor.

3.2. Síntese das mobilizações realizadas no período de 2014 a 2016.

3.2.1. Associação Cultural Raimundo Ladislau (área urbana de Macapá/ bairro Lagunho)

Conjunto de imagens IV: Mobilização na Associação Cultural Raimundo Ladislau. Ocorrida em 18/01/2014.
Fotos: Weleda Freitas. Acervo: IPHAN-AP.



Conforme estabelecido pelo cronograma de mobilizações, a reunião marcada para o dia 18/01/2014 aconteceu no local e horário previstos, reunindo 22 pessoas praticantes do Marabaixo além de representantes governamentais ligado à Fundação Municipal de Cultura de Macapá - FUMCULT e ao IPHAN. Helena Tavares, Chefe da Divisão Técnica do IPHAN-AP, iniciou a reunião com uma rodada de apresentações, em seguida explanou sobre a atuação do IPHAN no universo dos bens culturais remetendo-se ao trabalho do Instituto realizado com o Marabaixo ao longo do ano de 2013 e que resultou na produção de um inventário de referências culturais e vídeo documentário sobre a manifestação. Seguindo a pauta, falou-se sobre os aspectos do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o que é e qual a função de um coletivo gestor, proposição de Registro e ações de Salvaguarda para o Marabaixo.

A mobilização aconteceu no salão da associação, espaço utilizado durante as apresentações das festividades do Ciclo do Marabaixo e por isso bastante vulnerável aos ruídos externos dos automóveis que transitam pela Avenida Eliézer Levy, uma das principais da cidade de Macapá. Após as explicações os participantes apresentaram suas perspectivas e dúvidas com relação ao que foi exposto.

O jovem catador Yuri apontou a necessidade da promoção de intercâmbios culturais dentro e fora do estado com intuito de divulgação do Marabaixo, bem como troca de experiências entre grupos de cultura popular. A professora Maria José, mencionou a necessidade de divulgação do Marabaixo enquanto uma expressão cultural e não como um rito religioso de características afro brasileira, tal como é recorrente se pensar no Amapá, apontou a professora. Segundo a própria, no Amapá há um preconceito forte sobre o Marabaixo, assim como sobre tudo o que está relacionado à cultura afro brasileira, ainda que o Marabaixo seja uma forma de expressão negra, não significa que todas as pessoas envolvidas na manifestação compartilhem de religiões afro brasileiras, e mesmo se compartilharem, tem seu direito assegurado pelas leis do país, expressou a professora.

Outro ponto abordado na reunião referiu-se ao questionamento quanto às benesses para o Marabaixo e para seus detentores advindas de um possível Registro. Falou-se que um dos primeiros “retornos” para a comunidade praticante refere-se a divulgação do bem em âmbito nacional o que possibilita a facilitação do diálogo com instituições governamentais e não governamentais buscando alternativas de sustentabilidade dos aspectos mais vulneráveis do bem.

Dentre as alternativas de preservação elaboradas pelo grupo, destaca-se a criação do grupo Artur Sacaca que desenvolve trabalhos de divulgação do Marabaixo entre crianças e jovens incentivando e promovendo a formação de novos cantadores, compositores de Ladrões, dançadeiras e tocadores de caixas.

Encaminhamentos:

- Coleta de assinaturas para o Termo de anuência;
- Indicação de representante para compor Comitê Gestor
- Distribuição dos kits com a publicação “Para saber mais” e folders de divulgação das ações da Superintendência do IPHAN no Amapá.

3.2.2. Associação Cultural Marabaixo do Pavão (área urbana de Macapá/ bairro Laguinho).

Conjunto de imagens V: Mobilização na Associação Cultural Marabaixo do Pavão. Ocorrida em 01/02/2014.
Imagens: Karina Nymara. Acervo: IPHAN-AP.



A mobilização marcada para o dia 01/02/2014 aconteceu no local e horário previstos reunindo 19 pessoas vinculadas ao grupo entre eles filhos, netos e bisnetos de Mestre Pavão, além de representantes do IPHAN-AP: Helena Tavares, Chefe da Divisão Técnica; Weleda Freitas, consultora PRODOC-

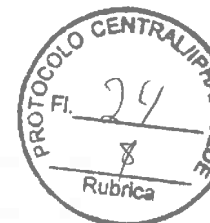
UNESCO; Karina Nymara, bolsista PEP e Rodrigo Machado, arquiteto que nos conduziu até o local da atividade, visto que a Superintendência não dispunha de motorista. Helena Tavares iniciou a reunião com uma rodada de apresentações, em seguida explanou sobre a atuação do IPHAN no universo dos bens culturais remetendo-se ao trabalho do Instituto realizado com o Marabaixo ao longo do ano de 2013 e que resultou na produção de um inventário de referências culturais e vídeo documentário sobre a manifestação. Seguindo a pauta, falou-se sobre os aspectos do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, o que é e qual a função de um coletivo gestor para proposição de Registro e ações de Salvaguarda para o Marabaixo.

A reunião de mobilização ocorreu no salão posterior à casa da associação, um espaço amplo, aberto nas laterais, coberto com telhas em cerâmica, com cozinha, bar e banheiros masculino e feminino. Durante as festividades do Ciclo do Marabaixo, o espaço é utilizado para o descanso e a alimentação das pessoas que participam dos festejos.

Após as explicações, os participantes apresentaram suas perspectivas e dúvidas com relação ao que foi exposto. Na ocasião repassamos aos presentes a versão preliminar do Dossiê de identificação do Marabaixo realizado pelo IPHAN durante o ano de 2013.

Referente ao Registro e Plano de Salvaguarda, o senhor Gerson, filho de mestre Pavão, indagou se o IPHAN fará o acompanhamento deste processo e como acontecerá sua divulgação. Respondeu-se sobre a duração inicial dos planos de salvaguarda (10 anos) e a necessidade da formação de coletivo gestor cuja função é identificar as prioridades para a preservação do Marabaixo, criar estratégias para o desenvolvimento de atividades de preservação, elencar e articular agentes sociais que possam contribuir para tais atividades e acompanhar o desenvolvimento dessas ações que deverão estar previstas no plano de salvaguarda. Lembrou-se que o coletivo gestor deverá ser composto de representantes dos grupos e comunidades marabaixeiros, mas também por representantes do IPHAN, representantes de gestores locais de cultura e quem mais se observar necessário (universidades, ONGs, etc). Mencionou-se que as mineradoras que atuam no Amapá poderiam constituir agentes de fomento ao Marabaixo.

O papel das escolas para a divulgação do Marabaixo também apareceu no discurso dos presentes que queixaram-se de que a manifestação não é valorizada nestes espaços. Apontou-se também a necessidade do fortalecimento das associações de Marabaixo, a tomada do espaço da UNA (União dos Negros do Amapá) para a realização de oficinas, a necessidade do registro das entrevistas das pessoas mais velhas que realizam o Marabaixo.



Encaminhamentos:

- Coleta de assinaturas para o Termo de anuência;
- Indicação de representantes para compor Comitê Gestor (será decidido em reunião interna e posteriormente enviado os nomes ao IPHAN)
- Distribuição dos kits com a publicação “Para saber mais” e folders de divulgação das ações da Superintendência do IPHAN no Amapá.

3.2.3. Associação Cultural Raízes da Favela (área urbana de Macapá/ bairro Favela).

Conjunto de imagens VI: Mobilização na Associação Cultural Raízes da Favela. Ocorrida em 08/02/2014.
Imagens: Weleda Freitas. Acervo: IPHAN-AP.



Conforme estabelecido pelo cronograma de mobilizações, a reunião marcada para o dia 08/02/2014 aconteceu no horário previsto, reunindo 16 pessoas praticantes do Marabaixo além de representantes governamentais ligado à Fundação Municipal de Cultura de Macapá - FUMCULT e ao IPHAN. Dona Elísia Congó iniciou a reunião solicitando a participação de todos os presentes e rememorando a pesquisa realizada pelo IPHAN durante o ano de 2013. Helena Tavares, chefe da divisão técnica do IPHAN –AP, relatou o trabalho do IPHAN com o Marabaixo e explicou a maneira como o órgão efetua a política de preservação do patrimônio cultural ora por meio do instrumento denominado Tombamentos, quando se refere especialmente às edificações e outras formas culturais materializadas; ora

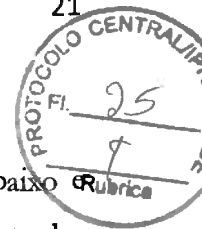
por meio dos Registros, quando se refere às manifestações culturais de natureza imaterial próprias aos diversos grupos que constituem a sociedade brasileira.

Tomando a pauta “guia” para os encontros de mobilização, Helena explicou sobre a atuação do IPHAN no universo dos bens culturais remetendo-se ao trabalho do Instituto realizado com o Marabaixo ao longo do ano de 2013 e que resultou na produção de um inventário de referências culturais e vídeo documentário sobre a manifestação. Seguindo a pauta, falou-se sobre os aspectos da Política Nacional de Patrimônio Imaterial, o que é e qual a função de um coletivo gestor para proposição de Registro e ações de Salvaguarda para o Marabaixo. A reunião aconteceu no pátio da casa de uma das marabaixas vinculadas à associação. Após as explicações, foi aberta a palavra para que os participantes realizassem suas apreciações sobre o que foi exposto.

Dentre as observações realizadas enfatizou-se a necessidade do fortalecimento do Marabaixo por meio do incentivo à criação de novos grupos a fim de aumentar o contingente de pessoas vinculadas à manifestação contribuindo para maior divulgação do bem. Uma estratégia para isto seria a realização de Marabaixos itinerantes externos ao Ciclo, ou seja, promover a manifestação em bairros distantes de Macapá, onde moram alguns integrantes do grupo como dançadeiras e tocadores. A ideia seria transformar as casas dessas pessoas em “novos pontos” de divulgação do Marabaixo e assim atrair o “olhar” e o interesse do público dos bairros para a manifestação.

Segundo D. Elísia, em Macapá há cerca de 130 grupos de quadrilhas juninas, em geral provenientes dos bairros periféricos da cidade. O oposto ocorre com o Marabaixo, que não soma mais de 30 grupos em todo o estado, e cuja prática em Macapá acontece especialmente nos bairros mais antigos da cidade: Lagunho e Favela. Daí a necessidade de expandir o Marabaixo aos bairros distantes tendo em vista o potencial desses lugares para o desenvolvimento de práticas culturais.

Entretanto, a expansão da manifestação apenas como forma de divulgação não parece um entendimento unânime. Segundo D. Maria Luísa, existe o receio de que a criação de novos grupos ocorra de maneira indiscriminada, o que poderia vir a transformar o Marabaixo em mais uma forma de entretenimento desconsiderando suas características sagradas e colocando seus integrantes em constrangimento com o Divino Espírito Santo e com a Santíssima Trindade, para quem se faz o Marabaixo em Macapá. Eis um tema importante para se apresentar como eixo de discussão no Plano de Salvaguarda do bem, os limites entre a divulgação do Marabaixo, a espetacularização da manifestação e o seu vínculo com a religiosidade.



Segundo depoimentos, a associação promove oficinas de confecção de caixas de Marabaixo musicalização, ministradas por Marcelo Coimbra, além das oficinas de criação de Ladrões, ministradas especialmente pelas mulheres.

Encaminhamentos:

- Coleta de anuência;
- Indicação de representante para compor Comitê Gestor
- Distribuição dos kits com a publicação “Para saber mais” e folders de divulgação das ações da Superintendência do IPHAN no Amapá.

3.2.4. Associação Cultural Berço do Marabaixo (área urbana de Macapá/ bairro Favela)

Conjunto de imagens VII: Mobilização na Associação Cultural Berço do Marabaixo. Ocorrida em 09/02/2014.

Imagens: Karina Nymara. Acervo: IPHAN-AP.





A atividade foi precedida por reunião anterior ocorrida em 07 de janeiro de 2014 em que houve um número reduzido de participantes, o que ocasionou o pedido de um novo encontro por parte da presidência da Associação que na ocasião sugeriu a data de 09 de fevereiro. A reunião iniciou-se ao meio dia e trinta minutos, após a chegada da presidenta da associação e de mais algumas pessoas.¹

Dona Marilda iniciou sua exposição lembrando a saga do bairro da Favela que teve sua origem a partir de um movimento de resistência à retirada da população que habitava o centro de Macapá na década de 1940. A ação foi liderada pela famosa marabaixeira D. Gertrudes Saturnino, que não aceitou a mudança para o Laguinho preferindo criar um novo local de moradia para sua família, por isso a Favela costuma ser requerida por seus antigos moradores como o real lugar da resistência negra macapaense.

Segundo dona Marilda a ajuda financeira aos grupos de Marabaixo oferecida pelo governo do Amapá, têm afetado de maneira negativa a organização dos grupos, uma vez que provoca a competição e a desunião entre estes, que antes estruturavam-se em torno de uma gama de pessoas, muitas das quais parentes entre si, e dessa forma promoviam suas festividades.

¹Na noite anterior, houve na cidade de Macapá o Festival de Sambas Enredos 2014, evento no qual se escolhe o melhor samba do carnaval Amapaense. Segundo dona Marilda, presidente da associação Berço do Marabaixo, durante as festas de carnaval vários integrantes da Associação se envolvem na organização do carnaval do bairro cuja maior representante é a escola de samba Maracatu da Favela que por coincidência foi a bicampeã do evento, o que segundo dona Marilda pode ter provocado a presença de poucas pessoas na reunião.

Outra situação apontada é o descumprimento da Lei 10.639 de 2003² pelas escolas de Macapá que não privilegiam a abordagem sobre o Marabaixo, ao contrário, recorrendo aos exemplos de outros estados para discorrer sobre o tema garantido na legislação. O desprestígio do Marabaixo nos espaços das escolas de Macapá parece recorrente. Uma marabaixeira exemplificou a situação do dia em que propôs realizar uma atividade de contação de histórias para crianças de uma escola, quando foi interpelada por um/uma funcionário/a do local por não possuir capacidade reconhecida oficialmente para executar atividades educativas no espaço escolar.

Dentre as atividades promovidas pela associação estão o projeto Berço Arte em que se promove a confecção e venda de peças artesanais do universo do Marabaixo (roupas, colares, flores para cabelo, etc), como alternativa de renda e o projeto Contação de Histórias que acontece uma (01) vez ao ano durante o Ciclo do Marabaixo nas dependências da Associação. Além das atividades acima, no espaço da Associação há uma pequena biblioteca que disponibiliza livros e revistas de referências sobre a história do Amapá e do Marabaixo.

Encaminhamentos:

- Assinatura de anuências;
- Escolha dos representantes para compor Comitê Gestor;
- Distribuídos kits com a publicação "*Patrimônio Imaterial Para saber mais*" e folders de divulgação das ações da Superintendência do IPHAN no Amapá.

² Estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio.

3.2.5. Associação Cultural Marabaixo do Laguinho.

O encontro ocorreu no dia 18 de novembro de 2014 na sede da Associação Cultural Marabaixo do Laguinho. Estavam presentes Helena Tavares (chefe de divisão técnica do Iphan/Ap), Paulo Rocha (gerente do departamento de desenvolvimento cultural da Fundação Municipal de Cultura-FUNCULT), Daniela Ramos (Presidente da Associação) e demais integrantes do grupo.

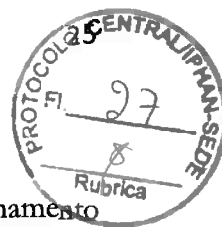
Daniela Ramos iniciou a reunião recordando as tentativas frustradas em realizar a atividade com o seu grupo, pois por duas vezes foram marcados encontros, mas ocorreram imprevistos que impossibilitaram a realização destes. Daniela apresentou Helena para os presentes, falou sobre o Iphan e sobre a vontade de se Registrar o Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil.

Após as apresentações, Helena falou sobre o Iphan, sobre os instrumentos jurídicos de preservação de patrimônios culturais, o Tombamento e o Registro, e sobre as categorias de patrimônio material e patrimônio imaterial. Em seguida, Helena apresentou, resumidamente, o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e explicou os procedimentos para se elaborar um pedido de Registro.

Em seguida, iniciou-se uma conversa sobre INRC do Marabaixo. Helena informou que essa pesquisa foi finalizada e que o material estava disponível na Superintendência. Os marabaixeiros manifestaram o desejo de possuir esse material impresso, para que pudessem guardar na sede.

Depois da socialização dos resultados do INRC, partiu-se para uma conversa sobre quais são as dificuldades enfrentadas pelos marabaixeiros para conseguir realizar suas manifestações. Houve diversas críticas referentes a forma como é feito o apoio estadual e municipal aos grupos. Daniela explicou que apenas no Ciclo de Marabaixo e no Encontro dos Tambores os gestores públicos oferecem apoio em forma de recurso financeiro. Porém apoio em forma de dinheiro provoca briga e conflito entre os grupos além de ser insuficiente para suprir as necessidades para a realização do Marabaixo. Ao aprofundar a discussão os marabaixeiros disseram que o apoio do estado na maneira como é feita acaba por não reconhecer e não dar a devida importância ao Marabaixo, não valoriza a manifestação.

Segundo os presentes, ações de valorização deveriam acontecer e o apoio poderia vir de outras maneiras, não necessariamente em formato de recurso financeiro. Compararam a maneira como é organizado o carnaval e os festejos juninos, onde sempre há presença de gestores públicos nas reuniões,



onde é disponibilizado espaço na mídia, material de divulgação, segurança da polícia militar, fechamento das ruas pela CTMac, etc.

Outra colocação foi sobre a falta de registros sobre essa manifestação cultural. O Marabaixo produz e transmite seus conhecimentos através da oralidade, mas é preciso começar a pensar em formas de registro dessa Memória pois os marabaixeiros mais idosos estão partindo levando consigo seus conhecimentos. Nesse contexto, sugeriu-se a criação de um museu da imagem e do som que contemple tanto a produção de materiais, estudos, pesquisas, como espaço para guarda, exposição e consulta. Falou-se também na gravação de CDs dos grupos de Marabaixo.

Outro apontamento referiu-se a inserção do Marabaixo nas escolas, demanda recorrente em todos os grupos de Marabaixo. Todavia, espera-se uma inserção qualificada em que se leve o marabaixo para dentro da sala de aula, para realização de atividades continuadas, onde poderiam ser trabalhados diversos conteúdos pedagógicos, como por exemplo, a história do Amapá.

Por fim, falou-se da necessidade de se criar um planejamento que contenha diversas ações para o fortalecimento do Marabaixo. Daniela perguntou de que maneira o Iphan poderia ajudar. Helena respondeu falando sobre a criação de uma Plano de Salvaguarda, que será construído de maneira coletiva e participativa junto aos marabaixeiros. As demandas dos grupos serão sistematizadas e a partir disso serão planejadas ações para um período de dez anos.

Encaminhamento:

- Escolha de representantes para composição do Comitê Gestor do Marabaixo.
- As anuências seriam repassadas por Daniela Ramos após reunião com outras pessoas do grupo.

3.2.6. Grupo Raízes do Bolão do Quilombo do Curiaú

A reunião ocorreu no dia 23 de janeiro de 2015 no salão do grupo Raízes do Bolão no quilombo do Curiaú. A atividade iniciou com uma rodada de apresentações dos participantes, seguindo a explicando sobre o IPHAN a Política Nacional de Patrimônio Imaterial, apresentação no Dossiê do Marabaixo. Falou-se sobre as mobilizações acontecidas na cidade de Macapá e em seguida abriu-se para discussões sobre propostas de valorização e fortalecimento do Marabaixo enquanto referência cultural no Amapá.

Novamente a inserção do Marabaixo na escola teve papel central nas colocações e proposta dos detentores. Além disso, pautou-se sobre a valorização dos Mestres e Mestras do Marabaixo que segundo seu Pedro e Dona Esmeraldina, seriam as pessoas que conhecem a verdadeira história do Marabaixo. Ambos mencionaram o mal uso do Marabaixo por grupos de pessoas que realizam outra manifestação cultural não correspondente ao que é realmente a expressão cultural.

Para finalizar, explicou-se que as próximas articulações serão realizadas pelo comitê gestor do Marabaixo e que os dentre as atividades deste comitê será a organização do evento Marabaixo: Referência cultural no Amapá assim como a elaboração do perdido de Registro que terá contribuições dos Marabaixeiros, de modo que sua elaboração ocorra de maneira coletiva e participativa.

Encaminhamento:

- Escolha dos representantes para compor Comitê Gestor
- Coleta de anuências

3.2.7. Comunidade Ilha Redonda.

Conjunto de imagens VIII: Reunião no Quilombo de Ilha Redonda em 16/01/2016. Fotos: Diego Souza. Acervo: IPHAN-AP.



A visita à comunidade de Ilha Redonda ocorreu na tarde de 16 de janeiro de 2016, onde estiveram reunidos equipe do IPHAN-AP, duas representantes do Comitê Gestor do Marabaixo além de alguns integrantes da comunidade.

Atualmente a comunidade quilombola busca a demarcação de sua terra pelo INCRA. Até o momento da visita o processo estava em fase de confecção de Relatório Técnico de Delimitação e Identificação, sendo o IPHAN-AP notificado a prestar manifestação sobre a existência de informações relativas à comunidade.

Segundo o senhor Marlúcio Cabral, a região em que está localizada a Ilha Redonda possui 241 anos de história. A informação sugere que as comunidades rurais negras que atualmente distribuem-se nas áreas rurais de Macapá e Mazagão descendem dos grupos sociais africanos escravizados trazidos no século XVIII a fim de servirem aos seus senhores na antiga Mazagão, bem como laborarem na construção da Fortaleza de São José na cidade de Macapá, que contabiliza 258 anos de história. Sugere também que, os mesmos escravos teriam constituído os primeiros lugares de refúgio posto que após quase duas décadas teriam iniciado ou intensificado as fugas originando as áreas de refúgios de Ilha Redonda e do Curiaú. Cabral, que é historiador e pós graduado em Políticas Públicas para os Afrodescendentes, disse-nos que encontrou registros sobre o homem que teria dado origem à população que constitui a comunidade de Ilha Redonda. O ancestral era um escravo reprodutor conhecido por Tacacá Grande, que teria contribuído para originar quase 200 crianças.

Para Cabral, a origem do Marabaixo remete a momentos em que se comemorava o fim de um dia de trabalho proveitoso. Tratava-se de um festejo simples de essência lúdica que com o tempo recebeu influências do catolicismo popular, quando as pessoas passaram a fazer promessas aos santos e divindades ofertando a estes o Marabaixo.

Os presentes elencaram diversos elementos que os afetam na prática da manifestação, por exemplo, ausência de incentivo do governo; ausência de Fundo Estadual de Cultura, o que inviabiliza a captação de recursos destinados aos segmentos da cultura; além do desinteresse de jovens da comunidade sobre a manifestação.

Sobre os anseios do grupo apontou-se a necessidade de realização de oficinas de elaboração de projetos e prestação de contas, além do tema associativismo, bem como o retorno no modo “tradicional” de realização do Marabaixo, ou seja, como circuito de visitação familiar.

Encaminhamentos:

- Retirada de dois nomes para composição de Comitê Gestor do Marabaixo
- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN.



3.2.8. Comunidade Campina Grande.

Conjunto de imagens IX: Reunião na comunidade de Ilha Redonda em 23 de janeiro. Imagem: Diego Souza.

Acervo: IPHAN-AP.



O encontro ocorreu na manhã de 23 de janeiro conforme informado oficialmente ao presidente da União Folclórica de Campina Grande. Segundo seus representantes, Campina Grande também está em busca de reconhecimento como comunidade quilombola junto ao INCRA.

Campina Grande é a única comunidade rural que realiza Ciclo do Marabaixo, tal como ocorre em Macapá. Durante nossa conversa nos foi apresentado que a comunidade dispõe de mais de um grupo de Marabaixo e que seria importante contatar os representantes de ambos. Nos repassaram o contato da senhora Viviane, responsável pelo grupo Tradição Cultural de São Benedito, para que pudessemos agendar

uma reunião com seu grupo. Previamente nos foi sugerido que os participantes do Comitê Gestor deveriam ser um (01) do Grupo União Folclórica de Campina Grande e outro do grupo Tradição Cultural, contemplando o número de dois participantes por comunidade. Entramos em contato com a senhora Viviane que nos informou que assim que fosse possível procuraria o IPHAN para agendar uma reunião com seu grupo.

Requeridos a expressar os principais problemas que afetam a realização da manifestação, o senhor Edson afirmou que a comunidade sofre problemas gerais nas áreas de saúde, educação, proteção do direito à terra, transporte, ausência de alternativa de renda sustentável, muitas pessoas não possuem Registro de Identidade, e que, portanto esses e outros fatores afetam o desenvolvimento da manifestação.

Sabe-se que o escopo institucional é focal e seu limite de ação restrito sendo o compartilhamento da gestão dos bens culturais o elemento essencial de preservação uma vez que considera a necessidade de instrumentalização dos agentes detentores por meio de atividades qualificadas sobre os aspectos e o funcionamento da política pública de preservação de Bens culturais. A médio e longo prazo talvez seja possível identificar se esta instrumentalização específica do campo da cultura foi capaz de instigar outros segmentos da política pública como saúde, educação e distribuição de renda tão relevantes à manutenção física e cultural das populações.

Os pontos elencados pelos participantes de Campina Grande referem-se à ausência de incentivos culturais, problemas relativos ao transporte que impactam a comunidade na ocasião de suas festas, além da enfatizada desassistência em vários aspectos.

Encaminhamentos:

- 1- Retirada do nome para compor Comitê Gestor: Solange do Carmo Costa (a segunda representante da comunidade será retirada na reunião que será realizada com o grupo de D. Viviane);
- 2- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN.



3.3. Grupo Folclórico Herdeiros do Marabaixo.



Conjunto de imagens X: Grupo Herdeiros do Marabaixo. 30/01/2016. Imagens: Weleda Freitas. Acervo: IPHAN-AP.

A reunião no Grupo Folclórico Herdeiros do Marabaixo aconteceu no dia 30 de janeiro na sede do grupo localizado no bairro Loteamento São José, zona norte de Macapá. Este é um dos grupos apontados no INRC mas que emergiram durante o processo de mobilização solicitando a presença do IPHAN para que explicasse o trabalho com o Marabaixo.

O grupo foi formado há dez (10) anos pela senhora Delcilene Carmo (Del) que pertence à comunidade de Campina Grande, mas que por conta da necessidade de oferecer melhores condições para o tratamento de saúde ao filho portador de necessidades especiais, precisou mudar-se para área urbana de Macapá onde fundou o grupo como forma de resguardar o vínculo com suas raízes familiares mas sobretudo como promessa pela manutenção da saúde da criança. Eis um caso peculiar no universo do Marabaixo onde se costuma ofertar a festa ao Santo por conta de promessa ou graça alcançada, neste caso tem-se a criação/oferta de um grupo de Marabaixo pelo restabelecimento da saúde de uma criança, por isso o nome Herdeiros do Marabaixo, segundo nos explicou a senhora Delcilene.

O grupo realiza o Ciclo do Marabaixo da Zona Norte, que ocorre no mesmo período do ciclo do Laguinho e da Favela. Segundo o senhor Lucenildo, esposo de Del, uma das maiores dificuldades é a ausência de apoio institucional ao Marabaixo. Mesmo assim, o grupo é referência na zona norte, pois sempre é convocado a participar das atividades das escolas da área. O principal tocador do grupo é o filho de dona Del que possui restrições auditiva, mas ainda assim sempre quis aprender a tocar e hoje ensina os demais adolescentes e crianças no trabalho de confecção de caixas e ministra oficinas nas escolas e universidades.

Na reunião havia uma família oriunda do Jari e que integrou-se ao grupo por ocasião da participação de uma criança da família nas oficinas promovidas pelo grupo. Como resultado disso, hoje dez pessoas desta mesma família integram o Herdeiros do Marabaixo. Relatos dos presentes apontam que as festas de Marabaixo promovidas no local são acatadas pela vizinhança certamente como alternativa de entretenimento e de conhecimento das tradições uma vez que a maioria dos moradores é migrante de outros municípios do Amapá e também de outros estados.

Iniciamos a reunião apresentando o IPHAN, explicando o processo de construção do INRC, dinâmica das mobilizações com os grupos e comunidades praticantes do Marabaixo, pedido de Registro e composição do Comitê Gestor. Em seguida Elísia Congó, membro do Comitê Gestor e representante do Marabaixo da Favela, explicitou sobre o início da relação do IPHAN como o seu grupo de Marabaixo.

Dona Elísia relatou que, inicialmente, todos ficaram preocupados e desconfiados com a chegada do IPHAN, uma vez as experiências anteriores com organizações governamentais e outras entidades que demonstravam interesse na manifestação, levavam informações importantes e nunca voltavam para repassar os resultados da pesquisa ou da atividade desenvolvida. Após a certeza de que o trabalho do IPHAN desenvolve-se por uma perspectiva diferente àquelas vividas anteriormente, o grupo resolveu

aderir ao projeto em questão, quando foram marcadas outras reuniões onde foi possível contar com um número maior de participantes do grupo.

A potencialidade do grupo corresponde a uma conjunção de fatores desde o trabalho de inserção de crianças e adolescentes do bairro aos referenciais culturais locais, a capacidade de articulação da presidenta do grupo, que exerce função de conselheira municipal de cultura, além de sua boa relação com as demais associações de Marabaixo, a capacidade de o grupo oferecer ao bairro informação e formação por meio de oficinas de confecção de caixas de Marabaixo, confecção de artesanatos, além da oferta de entretenimento baseado no referencial cultural amapaense. A fragilidade relatada pelo grupo corresponde à ausência de incentivos à realização dos eventos de Marabaixo, ponto recorrente em diversos grupos.

Embora o grupo Herdeiros do Marabaixo possua pouco tempo de existência e agregue elementos musicais não convencionais ao Marabaixo (teclado, por exemplo) é mister considerar que o grupo promove importante e estratégica atividade de valorização da manifestação entre crianças e jovens de um bairro distante da área legendaria do Marabaixo de Macapá, ou seja, dos bairros do Lagunho e da Favela.

Encaminhamentos:

- 1- Retirada do nome para compor Comitê Gestor: Solange do Carmo Costa (a segunda representante da comunidade será retirada na reunião que será realizada com o grupo de D. Viviane);
- 2- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN.

3.4. Grupo União dos Devotos de Nossa Senhora da Conceição de Igarapé do Lago.



Conjunto de imagens XI: Reunião com o grupo UDNCS de Igarapé do Lago. 27/02/2016. Imagens: Diego Souza e Weleda Freitas. Acervo: IPHAN-AP.

A reunião com o grupo União dos Devotos de Nossa Senhora da Conceição/UDNSC do Igarapé do Lago ocorreu no dia 27 de fevereiro de 2016 (sábado), a partir das 16 horas na sede do IPHAN-Amapá. Realizamos uma apresentação, por meio de projeção de imagens, onde se explicou o papel do IPHAN, a Política Nacional do Patrimônio Imaterial, o INRC do Marabaixo, as providências a serem tomadas para torná-lo Patrimônio Cultural do Brasil, as ações já realizadas pelo Comitê Gestor do Marabaixo (oficina de projetos culturais para atender ao Edital Cultura de Redes e escrita do pedido de Registro), além das demandas recorrentes que apareceram em reuniões anteriores nos grupos mobilizados.

Iniciaram-se as intervenções começando por Danielly Paes que reportou-se à senhora Antônia Ribeiro, sua avó, como uma das matriarcas do Marabaixo na comunidade de Igarapé do Lago. Darlene Paes mencionou que a fundação do grupo UDNSC ocorreu há dez anos por integrantes da família Paes com intuito de auxiliar na estruturação e organização da festividade de Nossa Senhora da Conceição de Igarapé do Lago. Segunda a relatora, atualmente o grupo soma oitenta integrantes que mensalmente contribuem com um valor simbólico a fim de manter e desenvolver as atividades básicas da associação. Embora a maioria dos componentes do grupo residam em Macapá as atividades geralmente são realizadas na Vila de Igarapé do Lago, onde residem outros integrantes do Grupo e onde ocorre os festejos à Santa.

Indagados sobre a existência de outros grupos de Marabaixo no Igarapé do Lago, a assembleia respondeu de maneira afirmativa apontando que há o grupo Marabaixo de São Sebastião, que fica numa comunidade distante da Vila do Igarapé do Lago, mas pertencente ao Distrito, além do grupo de Batuque vinculado à festa de Nossa Senhora da Piedade composto especialmente por integrantes da família Piedade e Lau.

A ausência de apoio institucional, o não cumprimento da Lei nº 10.639/2003, a falta de materiais paradidáticos nas escolas para se trabalhar as referências culturais amapaenses, o conhecimento equivocado sobre o Marabaixo, mesmo por aqueles que se graduam em nível universitário elegendo o tema como assunto para o desenvolvimento de suas monografias, foram os principais temas levantados durante a reunião.

Referente ao não cumprimento da Lei nº 10.639/2003, foi sugerido pelo senhor João Pedro, liderança da comunidade Lagoa dos Índios que esteve presente no evento à convite desta DIVTEC com vistas a conhecer o trabalho do IPHAN com o Marabaixo, uma vez que Lagoa dos Índios entrará na

próxima etapa de mobilização, que se procurasse o Ministério Público Federal, na pessoa do Procurador Thiago Cunha, a fim de se mediar um diálogo junto à secretaria de educação com vistas à efetiva implementação da referida Lei, especialmente nessa conjuntura em que a disciplina Estudos Amazônicos entrará na grade curricular do nível médio e do fundamental, tendo-se então mais uma possibilidade de abordagem sobre o Marabaixo.

Encaminhamentos:

- 1- Retirada do nome para compor Comitê Gestor;
- 2- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN.

3.5. Comunidade do Carvão



Conjunto de imagens XII: Reunião com o grupo São Tomé do Carvão. 26/03/2016. Acervo: IPHAN-AP.

A mobilização ocorreu na manhã do dia 26 de março na capela de São Tomé do Carvão tendo participado do evento cerca de 13 pessoas além das integrantes do Comitê Gestor, Esmeraldina Santos e Elísia Congó. A mobilização no interior da comunidade ficou sob responsabilidade do senhor Coló, identificado como o representante do Marabaixo na localidade.

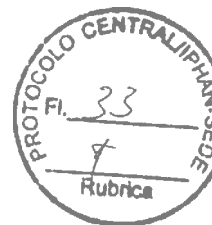
Sobre a história da comunidade, Coló fez referência à existência de um local chamado Queimada que ficava nas margens do rio Mutuacá Mirim para onde os escravos fugidios de Mazagão se refugiaram há 200 anos. Após uma epidemia ocorreu a migração de algumas famílias do local para o Igarapé do Lago e Mazagão Velho e a consequente fundação da Festa de Nossa Senhora da Piedade pelas famílias imigrantes. A partir de 1970 houve uma espécie de segunda leva de ocupação na região quando o estado começou a construção dos equipamentos públicos no local como escola e casa comunitária atraindo as pessoas para fixar moradia no local que antes era utilizado como área de lazer.

Para Coló, em Mazagão apenas três pessoas guardam o conhecimento sobre a confecção dos instrumentos musicais do universo do Marabaixo e Batuque: Tiago, Jozué e ele próprio. Por conta disso, ele observa a necessidade do repasse das informações para as gerações mais novas, iniciativa que acontece na comunidade por meio de oficinas de confecção de caixas e de produção cultural, o que parece ser uma auspiciosa atividade.

Em Carvão percebeu-se o envolvimento dos presentes em atividades ligadas à preservação dos conhecimentos tradicionais presentes no universo do Marabaixo, bem como a disposição na participação de ações desta natureza. Entretanto a coesão do grupo presente na reunião não reflete a realidade da comunidade em sua totalidade posto que posteriormente identificou-se a existência de conflitos relativos à disputa por legitimidade em torno da representação sobre manifestação.

Encaminhamentos:

- 1- Retirada dos nomes para compor Comitê Gestor;
- 2- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN;
- 3- Convite aos novos integrantes do Comitê para participação do Minicurso Patrimônio e educação promovido pelo IPHAN em parceria com a UNIFAP.



3.6. Mazagão Novo



Conjunto de imagens XIII: Reunião com o grupo Irmandade de São Benedito em Mazagão Novo. 09/04/2016. Imagens: Diego Souza. Acervo: IPHAN-AP.

A equipe do IPHAN e o Comitê Gestor do Marabaixo reuniram-se com integrantes do Grupo Irmandade de São Benedito em Mazagão Novo no dia 09 de Abril no barracão do grupo coordenado por dona Tereza que há dez anos realiza a Festa ao Santo como pagamento de promessa.

Tereza relatou que inicialmente desconhecia os saberes envolvidos na prática das manifestações em devoção aos santos, mesmo assim conseguiu desenvolver seus ritos com auxílio de foliões e foliões de outros grupos, como dona Verinha e o senhor Hosana, além dos foliões de Mazagão Velho, de quem se emprestavam as caixas. O grupo é conhecido pela prática do Batuque, não significando com isso que seus integrantes não participem de festas de Marabaixo ao convite de outros grupos, inclusive tocando e cantando Ladrões, prática que demonstra a interrelação entre ambas manifestações, Marabaixo e Batuque, sendo recorrente a performance dos mesmos foliões em ambas manifestações.

Uma boa surpresa foi marcada pela notícia de que ainda este ano o grupo deverá retomar as práticas relativas ao Marabaixo, tendo em vista o repasse da Festa de Santa Maria à dona Tereza pela senhora Maria Paz, da comunidade do Coração. Tereza explicou que Maria Paz, antes de falecer, demonstrou sua vontade quanto à perpetuação da devoção à Santa Maria pedindo à Tereza que desse prosseguimento aos ritos em homenagem à Santa. Atualmente, a imagem, os elementos ritualísticos bem como os instrumentos musicais relativos à festividade encontram-se na Capela de São Benedito. A primeira Festa em devoção à Santa Maria, sob responsabilidade de Tereza, ocorrerá dia 30 de maio no barracão de São Benedito, ocasião que marcará também a fundação do grupo “Marabaixo Maria Paz”.

Segundo o senhor Marlon, a falta apoio do poder público municipal e estadual compromete o desenvolvimento do Marabaixo e a divulgação da manifestação para a comunidade como um todo. Ele indica também a necessidade de se abrir o espaço escolar para a prática e a divulgação do Marabaixo, visto que a escola é o local estratégico para a valorização de saberes e as crianças e os jovens são os multiplicadores em potencial desses conhecimentos.

Encaminhamentos:

- 1- Retirada do nome para compor Comitê Gestor;
- 2- Recolhimentos de anuências a ser realizada pela liderança e entregue posteriormente ao IPHAN;
- 3- Convite aos novos integrantes do Comitê para participação do Minicurso Patrimônio e educação promovido pelo IPHAN em parceria com a UNIFAP.



4. Considerações preliminares para a elaboração de um Plano de Salvaguarda do Marabaixo

Durante as mobilizações percebeu-se nos discursos dos detentores considerações recorrentes relativas as fragilidades em torno da preservação do Marabaixo bem como a elaboração de alternativas realizadas pelas próprias comunidades e grupos.

Entendemos que as considerações apontadas oferecem subsídios preliminares que deverão ser discutidos na ocasião da elaboração do Plano de Salvaguarda do Marabaixo. Da mesma forma, recomendamos a sistematização desses apontamentos no escopo dos **Eixos de Ações Temáticas para o Marabaixo**, elaborados anteriormente pela equipe do IPHAN que acompanhou o desenvolvimento dos trabalhos iniciais,³ conforme se observa no quadro abaixo.

Quadro V: Apontamentos apresentados pelos detentores e suas alocações preliminares nos respectivos eixos temáticos.


Eixos Temáticos	Apontamentos recorrentes apresentados
1-Marabaixo e Educação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ações educativas nas escolas visando a valorização do Marabaixo por meio da aplicação da lei 10.639/2003; 2. Estudo sobre as diferenças e similaridades entre Marabaixo e Batuque; 3. Estudo sobre as diferenças de toques de Marabaixo; 4. Identificação de outros grupos e comunidades marabaixeiras; 5. Constituição de grupo de estudo composto pelo comitê gestor (marabaixeiros) e pesquisadores amapaenses para estudos complementares;

³O início das atividades do INRC do Marabaixo foi acompanhado pelo Chefe de Divisão Técnica Phelipe Cunha Paz e pelo técnico Djalma Santiago que pensaram a elaboração do plano de salvaguarda a partir da organização em quatro eixos: “Marabaixo e Educação, pensando em ações relacionadas às atividades escolares; Marabaixo e Apoio, relacionado à ações de fomento e patrocínio, e demais ações ligadas ao poder público por meio de editais de fomento; Marabaixo, Difusão e Promoção, para pensar ações visando a divulgação da manifestação a nível estadual e nacional; Marabaixo e Transmissão, que seriam as ações de transmissão dos saberes.” (INRC Marabaixo. 2013. Pg. 62).

2-Marabaixo e Apoio	6. Instrumentalização sobre os mecanismos de financiamento de projetos culturais e captação de recursos; 7. Proposta de revisão de textos das leis municipais sobre garantia de proteção das manifestações culturais de matriz afro brasileiras 8. Proposição de políticas públicas estaduais e municipais para financiamento de projetos para o Marabaixo; 9. Fortalecimento das associações de Marabaixo; 10. Fomento de produção de artesanatos vinculados ao universo do Marabaixo.
3-Marabaixo e Difusão e Promoção	11. Divulgação da manifestação no interior da sociedade amapaense; 12. Aproveitamento do espaço da UNA (União dos Negros do Amapá) para a realização de atividades voltadas ao marabaixo; 13. Criação de novos grupos de Marabaixo (considerando as implicações da esfera religiosa na criação desses novos grupos); 14. Criação do museu do Marabaixo; 15. Gravação de mídias sonoras dos grupos de Marabaixo;
4-Marabaixo e Transmissão	16. Realização de oficinas de composição de Ladrões, confecção de caixas de marabaixo e musicalidade; 17. Proposição de políticas públicas para valorização dos Mestres e Mestras do Marabaixo; 18. Registro dos conhecimentos dos Mestres e Mestras do Marabaixo.

Aposta-se que o investimento realizado até então na instrumentalização do comitê por meio de informações sobre os aspectos do universo da preservação de bens culturais seja revertido de maneira eficaz para a construção do Plano de Salvaguarda do Marabaixo.

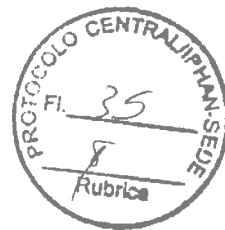
A partir das informações obtidas no INRC, dos trabalhos desenvolvidos por equipes anteriores e das informações obtidas durante as mobilizações, soergue-se este primeiro esboço acerca das diretrizes que deverão estar presentes nas discussões para a elaboração do Plano de Salvaguarda do Marabaixo.


Weleda de Fátima Freitas
 Chefe de Divisão Técnica - IPHAN/AP
 SIAPE nº 2254213

Weleda de Fátima Freitas

SIAPE:2254213

Chefe de Divisão Técnica do IPHAN no Amapá



**Pedido de Registro
construído pelo Comitê Gestor
do Marabaixo**

- 'Marabaixo: história e elementos formadores do povo amapaense'**
- Relatórios nº 11, 13, 14, 15 e 16
/Div.Téc./SE-AP/IPHAN
(oficinas)**

EM BRANCO

Marabaixo: história e elementos formadores do povo amapaense



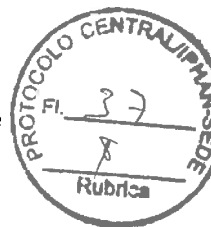
Apresentamos aqui os principais elementos que constituem o Marabaixo, manifestação cultural, para o qual pleiteamos o Registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Esse texto foi elaborado coletivamente por representante dos seguintes grupos de Marabaixo: Associação Cultural Berço do Marabaixo, Associação Cultural Marabaixo do Laguinho, Associação Cultural Marabaixo do Pavão, Associação Cultural Raimundo Ladislau, Associação Cultural Raízes do Bolão, Associação Cultural Raízes da Favela, Associação Cultural Zeca e Bibi Costa.

O Marabaixo é uma manifestação autóctone genuinamente nacional, composta por vários elementos exclusivos de identificação antropológico cultural como o ritmo, a dança, as vestimentas, a comida, a bebida e o estilo literário, identificadores de um povo (etnias negras), de uma Unidade Federativa, Amapá. É uma manifestação que foi erguida na organização e identificação do povo negro do Amapá representa as tradições e os costumes locais, herdados de nossos ancestrais, passando a ser a maior e mais autêntica expressão cultural de devoção e resistência do povo Amapaense.

O Marabaixo é a maior manifestação cultural do Estado do Amapá que atravessa séculos e sua herança é deixada de pais para filhos através de músicas e danças típicas do Amapá. Está associado as festividades da igreja católica em louvor a diversos santos padroeiros. A dança do Marabaixo se faz arrastando os pés, representando nossos antepassados escravizados com as correntes nos pés. Eles dançavam assim mesmo, para esquecer as tristezas do dia a dia da escravidão. Toque das caixas se dava simplesmente para fazer o som dos lamentos quando se canta o "Ladrão" de Marabaixos. O Ladrão é um verso tirado de um acontecimento ou um fato do cotidiano da vida das pessoas que se transforma em música. "Ladrão" é porque estamos roubando a sua história, transformando em músicas e cantando para todos na festa. Os versos podem ser feitos até da própria tristeza. As caixas eram fabricadas de tronco de madeira. O pau era tirado da vargem onde cavava-se dia após dia até ficar completamente oca para cobrir com couro de carneiro. Hoje não podemos mais tirar o pau da mata. Estamos trabalhando com reciclados, restos de madeira de

EM BRANCO

caixas de verduras das feiras e até construindo caixas de zinco ou pvc. Só o que saída da mata é a Corubeira e o Ipê, usados para fabricar os aros das caixas.



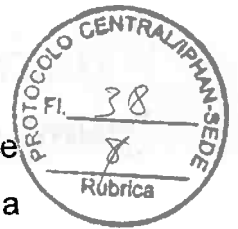
O nome “Marabaixo” se deu porque quando um escravo morria no navio negreiro, seu corpo era jogado na água e os negros cantava hinos de lamento “mar abaixo e mar acima”. Os escravos vinham nos navios negreiros para a construção da Fortaleza de São José de Macapá. É uma dança que veio desde da escravidão trazida por um negro escravo chamado Inácio da bacaba. Este homem chegou em Macapá em uma jangada e com ele uma caixa. Diziam os mais velhos, como minha mãe Tia Chiquinha, que Inácio morava só com três cachorros em uma ilha do Curiaú, chamada Curuçá, hoje conhecida curva da morte, onde ele tocava a noite toda para espantar os maus espíritos com seus cachorros amarrados na cintura. Daí começou a espalha-se por todas as senzalas, principalmente na Fortaleza de São José de Macapá, onde os negros trabalhavam na mais dura crueldade que a vida pode dar a um escravo. Com a abolição, os negros passaram a fazer promessas aos santos que os escravos tinham, quando a graça era alcançada se fazia um Marabaixo.

A organização das festas de Marabaixo acontecem de maneiras diferente na capital e no interior do Estado. O Ciclo do Marabaixo ocorre em Macapá durante período pascal e constitui em importante tradição de sincretismo religioso brasileiro homenageando a Santíssima Trindade e o divino Espírito Santo, através de missas e ladainha. A parte lúdica da festa de manifesta através do Marabaixo, uma dança de ritmo forte e passos arrastados, marcados pelas caixas (tambores) em toques binários, acompanhando o “Ladrão” (música) que se compõem de versos improvisados que refletem sentimentos e experiências coletivas, a histórias e cotidiano das comunidades afro amapaenses.

O Marabaixo também é dançado nas comunidades rurais do Estado, nos festejos de seus santos padroeiros. Nessas comunidades as festas acontecem quando um devoto faz uma promessa ao santo de devoção. Quando a “graça” é alcançada, o festeiro organiza e oferece uma festa para sua comunidade.

Tanto na capital quanto no interior do estado nas festas de Marabaixo são oferecidos aos festeiros e aos visitantes a Gengibirra (bebida típica da festa feita com cachaça e gengibre) e o Caldo (comida tradicional das festas). Outro evento

EM BRANCO



que reúne os grupos de Marabaixos é o Encontro dos Tambores que acontece na Semana da Consciência Negra. Também tocamos em apresentações a festas, em eventos municipais, estaduais, nacionais e internacionais, em escolas e faculdade.

As dificuldades ainda hoje encontradas na prática do Marabaixo são grandes, no que tange à falta de apoio e até mesmo respeito por parte de nossos governantes na construção de políticas públicas afirmativas para manutenção de nossa cultura, trazida há séculos por nosso ancestrais. O Marabaixo é utilizado como moeda de troca por parte de nossas autoridades, que continuam com o racismo institucional, não valorizando a maior expressão cultural de nosso povo. Esperamos que com o título de Patrimônio Imaterial do Brasil tenhamos políticas destinadas à construção de um futuro para nossa cultura.


O Marabaixo é um bem cultural com referência em diferentes grupos da sociedade brasileira, sua prática é recriada pelas comunidades e grupos em função do ambiente e da interação com a natureza e história gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.


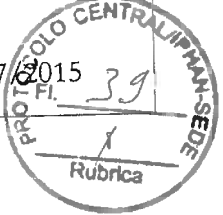
Emendamos que o Registro estabelecerá uma política federal de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural brasileiro, além da implementação de um plano de salvaguarda que assegure as condições de transmissão e reprodução de bem. O Registro traz também a possibilidade de acesso a recursos por meio de editais específicos de fomento às iniciativas de fortalecimento e divulgação dessa forma de expressão, dando maior visibilidade àqueles para os quais a vida cotidiana é indissociável do Marabaixo.

Assinam este texto:

Jane Ferreira dos Santos
Eliana Lopes
Zafreina Silva do Gle
Daniela Patrícia de Souza Fontenaro (Daniela Ramos)
Danielly Nêhã Paes
Euzenaidina da Silva

Mariãme do Socorro Barreto Santana
Josiame Leite Romes da Silva

MINISTÉRIO DA CULTURA		Relatório nº 011/2015	Data:
	IPHAN INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	DIV.TEC/SE-P/IPHAN	10/07/2015

Para: **Juliana Morilhas Silvani**
Superintendente do Iphan no Amapá

Assunto: Relatório de atividade da Reunião do comitê gestor do marabaixo

No dia 08 de julho de 2015 foi realizada reunião do Comitê Gestor de mobilização do Marabaixo, na sede do Iphan, rua Henrique Galúcio nº1242-A, Macapá-AP. Estavam presentes na reunião Dona Esmeraldina do Raízes do Bolão; Dona Elísia Congo do Marabaixo da Favela; Senhora Daniela Ramos Marabaixo do Laguinho; Dona Valde Berço do Marabaixo; Seu Joaquim do Grupo Raimundo Ladislau; Diego de Souza Santos, estagiário do Iphan/AP e integrante do grupo Raízes do Bolão; Helena Tavares, Chefe de Divisão Técnica Iphan/AP.

A reunião teve como objetivo iniciar o processo de escrita do pedido de registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural do Brasil. Ficou decidido que o Pedido de Registro será elaborado pelos Marabaixeiros que fazem parte do Comitê Gestor, e que todas as associações representas no Comitê entrarão como proponentes do Pedido de Registro.

Durante a reunião, realizamos a leitura do Decreto 3551/2000, com objetivo de esclarecer dúvidas e ter entendimento do caminho que será percorrido. Fizemos a discussão dos conceitos com os quais o Iphan trabalha para o reconhecimento de bens de natureza imaterial: Continuidade Histórica, Relevância Nacional, formas de transmissão do bem cultural e Referência Cultural.

Foram elaboradas por Diego e Helena algumas perguntas relacionadas aos conceitos expostos acima. Como encaminhamento da reunião ficou decidido que cada marabaixeiro irá responder uma das questões e trazer a resposta em forma de texto para que possamos, na próxima reunião, socializar as respostas.

As perguntas foram:

16.

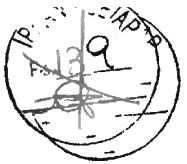
- 1- Porque é importante Registra o Marabaixo como patrimônio cultural do Brasil?
- 2- O que é Marabaixo ? (Falar da Dança, do toque da caixas e dos lamentos dos ladrões)
- 3- Qual e a história do Marabaixo?
- 4- "Para quem" ou "para que" ou "quando" o Marabaixo é tocado/ Dançado?
- 5- Falar do ciclo do Marabaixo e também como acontece no interior do estado?
- 6- Como a história do Marabaixo se relaciona com história do Brasil?
- 7- Quando /como surgiu o Marabaixo?
- 8- Quais as dificuldades enfrentadas hoje para a pratica do Marabaixo?

Quanto a documentação necessária que acompanha o referido pedido de Registro, conversamos sobre a Anuência dos detentores e discutimos formas diversas de mostrar a adesão. Como encaminhamento, cada representante vai fazer pequenos vídeos e fotografias com integrantes de cada grupo falando sobre o Registro, assim como providenciar as assinaturas para anuência.

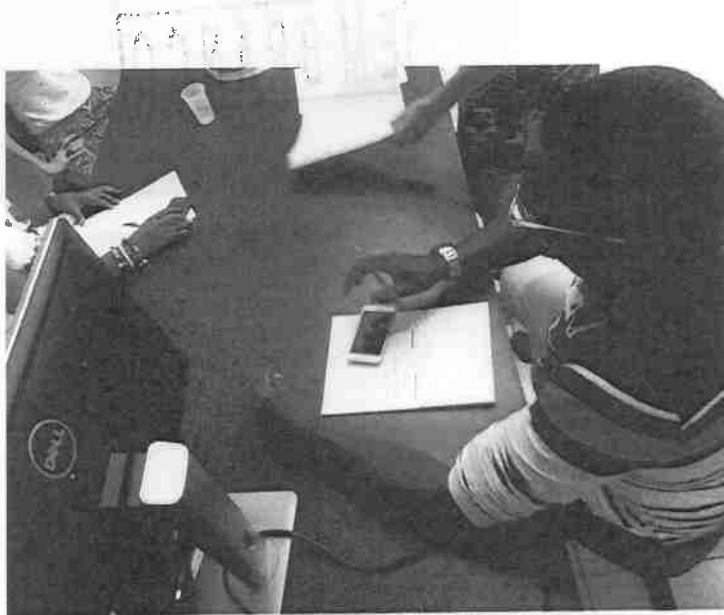
Quanto a definição da agenda de reunião, ficou estabelecido que o Comitê Gestor irá se reunir todas as terças e quintas feiras do mês de julho, às 18:30hs, na sede do Iphan/AP.



Reunião Comitê Gestor. Daniela Ramos e Elisia Congó. Foto: Helena Tavares. Data: 08/07/2015



Reunião Comitê Gestor. Dona Esmeraldina. Foto: Helena Tavares. Data: 08/07/2015



Comitê Gestor do Marabaixo. Joaquim Ramos. Foto: Diego Souza Santos. Data: 08/07/2015.



Reunião Comitê Gestor do Marabaixo.
Foto Diego Souza Santos. Data:08/07/2015

Helena Tavares Gonçalves
Helena Tavares Gonçalves
Siape – 2082113
Chefe de Divisão Técnica IPHAN/AP

Diego Souza Santos
Diego Souza Santos
Estagiário Iphan/AP

LISTA DE PRESENÇA REUNIÃO COMITÊ GESTOR
DO MARABAIXO

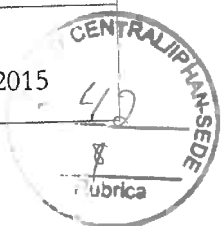


MACAPÁ, 08 DE JULHO DE 2015

- 1 - Wlana Tavares Gonçalves
- 2 - Valdirete Silva da Costa
- 3 - Guacarina dos Santos
- 4 - Cláudia Longo
- 5 - Joaquim Ramos da Silva - 99162-6650
- 6 - Daniela Ramos - 99138-9254 - 98137-9052
Rita Luedis da Silva 991971495

PROTOCOLO

EM BRANCO



Para: Juliana Morilhas Silvani
Superintendente do Iphan no Amapá

Assunto: Reunião Comitê Gestor do Marabaixo. Oficinas para elaboração do pedido de registro.

No dia 14 de julho iniciamos o encontro com os representantes do grupo gestor do Marabaixo com objetivo de dar continuidade as atividades para a elaboração do Pedido de Registro do Marabaixo. No último encontro foram divididas as perguntas e ficou combinado que cada integrante do Comitê ficaria responsável por responder uma questão. Nesse encontro (dia 14/07/2015), foram socializadas as respostas elaboradas pelos marabaixeiros. Após a socialização, elaboramos o esqueleto do texto.

